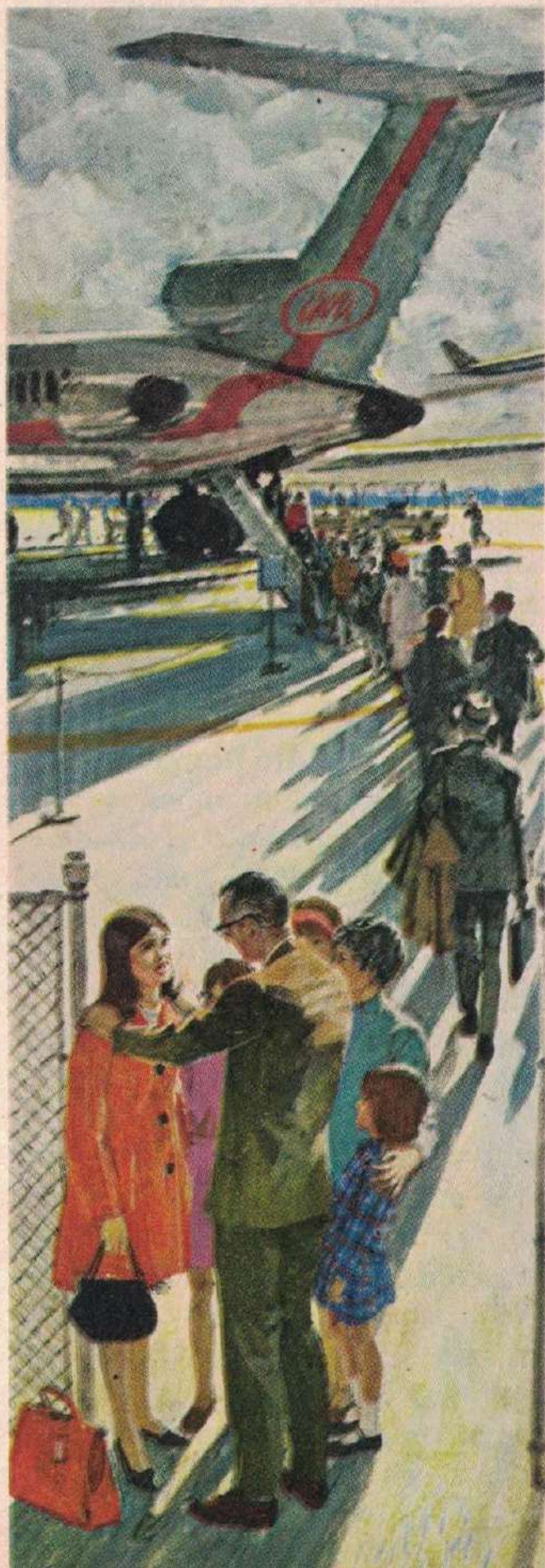


Primeiro Vôo



Condensado de CONTEMPORARY

O adeus de um pai à filha
que parte para a universidade

GRAHAM PORTER

DORMINDO no seu quarto, você não ouve tocar o despertador que faz sua mãe correr para a cozinha e preparar o café, enquanto eu, silenciosamente, acordo suas três irmãs mais moças.

—A boneca está pronta?— murmuro para Lynn.—Ela vai na bandeja do café.

De uma gaveta repleta de quinquilharias, Lynn retira uma boneca de feltro feita em casa, vestida com as cores da universidade para onde você partirá de avião esta manhã.

Lá embaixo na cozinha sua irmãzinha Robin lembra à mãe:

—Não se esqueça da pílula da coragem.

Mas a minúscula bolinha de massa já foi tirada do forno e borrifada de corante. Olho-a com um carinho especial. Desde pequenina sua

mãe lhe dava essas pílulas de mentira tôda vez que você tinha de enfrentar um problema nôvo.

—Não gosto de pensar que Carol não conhece ninguém na universidade—está dizendo Julie.

Ponho o braço em volta dela. É difícil acreditar que no ano que vem ela estará partindo de casa como você.

Quando sua mãe avisa que a bandeja do seu café está pronta, Julie entrega-nos os versos da canção de despedida que ela e suas duas irmãs menores compuseram. Nunca a intimidade da nossa família pareceu maior quando, na ponta dos pés, entramos no seu quarto, onde você continua dormindo, com o delicado rosto oval voltado para nós e o seu cabelo ruivo e macio sôlto no travesseiro. A nossa canção, bobinha e agridoce, começa tímidamente, depois aumenta de entusiasmo. Ao ouvir as palavras, você sorri com comovente melancolia, ainda sem abrir os olhos. Mas uma lágrima escorre por baixo das suas pestanas. Quando termina a cantoria, você dá um pulo da cama e abre os braços para todos nós.

Os minutos avançam cada vez mais rápido. E de repente estamos junto ao portão do aeroporto.

—Atire-me um beijo do céu—murmuro, à despedida.

Com um sorriso trêmulo, você se vira para o enorme jato branco. Fecha-se a porta do avião, mas nós continuamos a acenar para um vulto que não mais se encontra lá.

—Vamos olhar do terraço—grita Lynn.

Subimos pela escada rolante até ao terraço que dá para as pistas. Enquanto o avião se arrasta até à extremidade do campo, para decolar, penso no nosso almôço de ontem em um restaurante, à luz de velas. Vejo de nôvo o seu rosto e ouço o tinir suave do seu copo de água batendo no meu.

—À sua saúde, minha querida—digo eu à nossa mesa para dois.

Você bebeu lentamente, depois pousou o copo.

—Obrigada por tudo, papai—disse você. Sacudiu o cabelo para trás e continuou:—Talvez você tenha notado que estou um pouco assustada. Mas não se preocupe. Eu me sairei bem.

—Você vai sair-se muito bem—disse eu.

Por um momento ficamos calados. Quando levantei os olhos, vi que você me olhava com curiosidade.

—Em que está pensando, papai?

—Estava pensando no que a espera na universidade—respondi finalmente.—Você vai encontrar tôda espécie de opiniões sôbre o que está certo e errado neste mundo. O mal é que há gente demais, tanto moços como velhos, que adquirem suas opiniões de segunda mão. Faça questão de moldar as suas cuidadosa e sinceramente. E não se junte ao grupo daqueles que só vêm motivos para ser *contra* a vida. Procure sempre as coisas em que você acredite de uma maneira positiva.

Ri-me da minha atitude solene.

—Deus sabe que não estou sugerindo que você não se divirta. Mas não deixe de passar alguns preciosos minutos sòzinha para ordenar os seus pensamentos e perguntar a si mesma em que acredita exatamente e por que acredita.—Abri os braços, desculpando-me.—Se isto lhe pareceu um sermão, você sabe que é porque eu quero sempre o que há de melhor para você. E com isto creio que quero dizer que lhe desejo um coração alegre e sensato que a leve através de tôda a sua vida.

Quando você me sorriu do outro lado da mesa, nunca me parecera tão bonita. Você começou a falar, mas não encontrou palavras. Em vez disso, estendeu o braço por cima da mesa e tocou a minha mão. Êsses mesmos dedos tinham prendido os meus pela primeira vez quando você tinha alguns minutos de vida. A lembrança dêste momento, como a daquele, nunca me deixará.

“VEJA, papai, o avião está andando”. Ao meu lado, no terraço, a pequenina Robin puxa-me pela manga. Sua mãe, suas irmãs e eu olhamos em silêncio, enquanto o jato roda pela pista, a princípio devagar, depois com uma velocidade crescente e um ronco plangente, até que o seu timbre, cada vez mais agudo, ressoa no fundo do meu ser, desencadeando uma avalanche de lembranças paternas quase insuportáveis. . . . Vejo novamente você, com um ano de idade, explorando o meu rosto

com as mãos; menina de dois anos, brincando com barquinhos de papel; aos três anos, acariciando um cachorrinho perdido e amedrontado. . . . Vejo você com cinco anos, dando de presente à sua mãe um colar de trevos. Vejo-a novamente aos seis escalando uma montanha a meu lado e fazendo continência ao lenço que havíamos hasteado no cume à guisa de bandeira. . . . Aos oito anos, você deita a cabeça no meu braço para ver o primeiro satélite artificial abrir caminho através das estrêlas do outono. . . . Adolescente, você joga bola comigo no quintal; depois de sua primeira festa, você soluça no meu ombro; você me abraça cheia de alegria depois do seu sucesso no baile do colégio. . . .

Sim, você foi um bebê, minha garotinha, minha adolescente. E agora, tão depressa, tão terrivelmente depressa, você é aquela mocinha elegante, de queixo erguido, voando pelo vasto céu!

Terei eu, ainda que em pequena escala, conseguido ser o tipo de pai que me esforcei por ser? Terei aberto algumas portas pelas quais você possa penetrar na beleza, na coragem, e na alegria de viver? Teremos eu e sua mãe enviado você do ninho preparada para voar, não apenas no tempo bom, mas também através das tempestades da vida?

As asas prateadas do avião diminuem, ainda brilhando no sol da manhã, mas agora turvas e embaciadas na minha visão. *Adeus, minha filhinha. Adeus.*